

BENVENISTE E LACAN: sobre o sujeito e o discurso

Bruno Focas Vieira Machado¹³ (UFMG)

RESUMO

Pretende-se efetuar uma articulação entre a doutrina lingüística de Émile Benveniste com pressupostos da Psicanálise de orientação lacaniana, delimitando suas respectivas aproximações e divergências. A temática terá como eixo concepções de sujeito, enunciação e sentido para ambos os pensadores. A marca fundamental que determina um corte discursivo nas duas doutrinas é a centralidade ocupada pelo sujeito da enunciação de Benveniste e a descentralidade estrutural que o mesmo se encontra na elaboração de Lacan, elaboração essa em que a hipótese do inconsciente, no sentido de Freud, é crucial. Procura-se demonstrar, também, o estatuto de linguagem e palavra que o conceito de inconsciente encerra e a sua articulação necessária como um discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito; enunciação; sentido; inconsciente; linguagem; discurso.

*O inconsciente, justamente,
só se esclarece e só se entrega
quando o olhamos meio de lado.*

(Lacan, Seminário V)

1. INTRODUÇÃO

A Psicanálise, no sentido inaugural de Freud, é um movimento político, surgido na Viena do final do século XIX, que se configura como uma prática clínica de implicações discursivas. Como coloca Sigmund Freud, em suas *Conferências Introdutórias*, entre o analista e o analisante não ocorre nada além de uma troca de palavras, sendo a própria análise em si um processo que permite o enlaçamento entre a história de um sujeito e suas determinações inconscientes. O inconsciente freudiano é atópico e sequer possui materialidade: tem estatuto de palavra e é concebido como um sistema falho de tradução de

¹³ Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

traços¹⁴ e é comparado a procedimentos inerentes ao ato da escrita: pictografia, hieróglifo, palimpsesto¹⁵. Em *O interesse filológico da psicanálise* (1913) Freud afirma que a linguagem dos sonhos pode ser encarada como o método pelo qual os processos inconscientes se expressam. As comparações lingüísticas abundam nesse pequeno texto, em que Freud, ao diferenciar histeria, neurose obsessiva e paranóia, afirma que o inconsciente fala mais de um dialeto e compara a representação nos sonhos como um sistema de escrita cuja interpretação é análoga à decifração de antigas escritas pictográficas, como os hieróglifos egípcios. De acordo com a hipótese freudiana levantada no presente texto, a ambigüidade inerente à produção onírica encontra paralelos nos antigos sistemas de escrita e chama a atenção para o fato de que o desconhecimento dos psicanalistas por parte da filologia é um elemento limitador para o processo de interpretação de sonhos. A questão sobre a evolução da linguagem no homem é igualmente tocada por Freud (1974, p. 212), ao se referir ao simbolismo onírico:

Nossas pesquisas ainda não elucidaram suficientemente a natureza essencial desses símbolos. São em parte analogias e sucedâneos baseados em semelhanças óbvias; mas, em alguns deles, o tertium comparationis foge ao nosso entendimento consciente. É precisamente essa última classe de símbolos que deve provavelmente originar-se das primeiras fases de evolução lingüística e construção conceitual.

Em seu texto conhecido como o trabalho inaugural da Psicanálise, *A Interpretação de Sonhos*, Freud concebe o inconsciente como uma linguagem a ser decifrada. A esse respeito, Arrivé (2002, p.17) coloca: “*O sonho, para Freud, é um discurso, e por isso depende de uma linguagem. Se o sonho é discurso, deve ser nele possível distinguir, como em um outro discurso, estratos*”.

De fato, Freud, por sua descoberta clínica e teórica, pode ser visto como aquele que antecipou a teoria da lingüística e as indagações sobre a estrutura do discurso. Seu ensino, desde os primórdios, focou sobre a questão da palavra e de seus efeitos na formação do sintoma, nos estratos do aparelho psíquico, no próprio inconsciente e na constituição do sujeito. O sentido presente no sintoma, uma das fundamentais descobertas freudianas, se apresenta como uma dimensão semântica cifrada no inconsciente. Isso é legitimado pelo fato de a tríade freudiana *A Interpretação dos Sonhos*, *A Psicopatologia da vida Cotidiana* e *Os Chistes e suas relações com o Inconsciente* ter sido posteriormente batizada por Lacan de “a trilogia do significante”. São textos que tratam eminentemente da própria estrutura da palavra

¹⁴ Correspondência a Fliess, Carta 52

¹⁵ FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*, 1900.

no inconsciente e que provoca os mais variados efeitos sobre um sujeito: os sonhos, os sintomas, os atos falhos e os chistes configuram as formações clássicas do inconsciente. A noção de *significante*, dessa forma, introduzida no campo psicanalítico por Jacques Lacan, a partir da lingüística saussuriana, está implícita em todo o percurso freudiano, e fornece uma chave de leitura para sua obra. É a partir da noção de significante que Lacan pôde formular um outro fundamental conceito que une os estudos psicanalíticos aos estudos lingüísticos: o sujeito.

2. INCONSCIENTE, LINGUAGEM E A DOCTRINA DO SIGNIFICANTE

Se o inconsciente, no sentido que encontramos nos primeiros textos de Freud, é tecido de linguagem, isso é ratificado no retorno a Freud, empreendido por Lacan na década de cinqüenta. Ao final de *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1998, p. 323) nos fornece um sólido ponto de apoio para se demonstrar a intrínseca articulação existente entre a teoria e prática analítica com a linguagem e a instância do discurso:

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém.

Lacan foi um pensador influenciado pelo Estruturalismo durante todo seu primeiro ensino, procurando no campo da Lingüística Estrutural as ferramentas para operar sua teoria. Esse primeiro ensino, em linhas gerais, corresponde aos seus nove primeiros seminários, sendo que a elaboração da noção de objeto **a**, presente no Seminário 10: *A Angústia*, representa uma importante ruptura. O objeto **a**, brevemente conceituando, é um elemento heterogêneo à linguagem, um resíduo da operação de simbolização que é irredutível ao significante e que cai como objeto perdido. Ao discurso é, então, impossível conferir uma consistência, pois todo discurso porta um fracasso, uma perda de gozo e, no lugar dessa perda, surge a função do objeto perdido: objeto **a**.

Saussure, conhecido como o pai da lingüística moderna, concebia a língua como um sistema dual marcado por uma relação dicotômica e indissociável entre um *significado* e um *significante* na constituição do *signo*. Saussure propõe também uma distinção entre *língua* e

fala; sendo a primeira o próprio aspecto estrutural da linguagem como um sistema semiótico, e a segunda, o modo particular e singular como a fala se articula em relação à língua. Porém a *fala*, conceito de onde podemos tomar como ponto de partida para se pensar o sujeito, se mantém como um ponto de menor ênfase em seu ensino, pois o lingüista se interessou mais em privilegiar os aspectos formais da língua. Saussure se refere ao significante como uma imagem acústica, em si esvaziada de sentido e sem ligação *a-priori* com o seu significado, que é um conceito. O significante, ainda em sua conceituação, possui uma natureza auditiva e um caráter psíquico, constituindo representações psíquicas para o falante. De acordo com Saussure, o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. Trata-se de um dos princípios fundamentais do signo enunciado por Saussure. Uma imagem acústica apenas produzirá um sentido a partir de sua vinculação com um conceito que a retifique, dentro de determinado ordenamento lingüístico e social.

Ao inverter a relação de Saussure e colocar o significante em uma posição privilegiada em relação ao significado, Lacan ressalta que, no inconsciente, as representações têm sempre de ser tomadas como significantes. Uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize e responda por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular. O significante é algo contingente que um sujeito toma como necessário. O significado, por sua vez, não é nada mais que o resultado da articulação entre dois significantes que, juntos e por efeito de retroação, produzem um efeito de sentido que irremediavelmente se remete a um outro significante. O significado e o efeito de sentido se dão sempre a partir de uma articulação binária entre os significantes, esses em oposição.

De fato, como afirma Benveniste em *Natureza do signo lingüístico*, tudo na linguagem precisa ser definido em termos duplos; tudo traz a marca e o selo da dualidade opositiva: dualidade articulatória / acústica, do som e do sentido, do indivíduo e da sociedade, da língua e da fala, do material e do não-substancial, do “memorial” (paradigmático) e do sintagmático, da identidade e da oposição, do sincrônico e do diacrônico, etc. Esses termos, como atesta Benveniste (1976, p. 43) ao citar Saussure, não têm valor por si mesmo ou remetem a uma realidade substancial; cada um deles adquire o seu valor pelo fato de que se opõe um ao outro:

A lei absolutamente final da linguagem consiste, se ousamos dizê-lo, em que não há nada jamais, que possa residir em um termo: isso é consequência direta do fato de que os símbolos lingüísticos não têm relação com aquilo que devem designar; assim, pois, a é impotente para designar algo sem o

concurso de **b** e o mesmo ocorre a este, sem o concurso de **a**; ambos só têm valor pela sua diferença recíproca, ou nenhum valor, mesmo por uma parte qualquer dele mesmo (suponho a “raiz”, etc.), a não ser por esse mesmo plexo de diferenças eternamente negativas.

Percebe-se que essa oposição intrínseca e dialética da estrutura da linguagem proposta por Benveniste apresenta em Lacan (1992), ao se estabelecer uma analogia, um efeito de redução a um ponto nodal, isto é, a uma oposição entre significantes que produz o sujeito como um efeito de intervalo entre ambos. A novidade lacaniana é acrescentar o objeto **a** como produto, ponto irreduzível e inassimilável no ser falante::

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

Um significante isolado é um significante não-senso, um significante enigmático suscetível aos efeitos do real e que se presta ao gozo e não à comunicação. Esse significante puro e não-senso é objeto de interesse do último ensino de Lacan e foi pelo mesmo denominado de *lalangue*. Dessa forma, se costumamos situar a articulação entre Lingüística, linguagem e Psicanálise predominantemente no primeiro ensino de Lacan, é importante esclarecer que o seu segundo e último ensino também trará contribuições importantes para estudar de forma mais ampla o estatuto e as articulações da doutrina analítica com os estudos da linguagem.

3. LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E GOZO

De fato, é observável que a apreensão discursiva da linguagem apresenta em Benveniste elaborações de caráter claramente inovador e que subverte de maneira radical toda e qualquer concepção tradicional a respeito do fenômeno lingüístico. O lingüista, em seu texto *A natureza dos pronomes*, observa uma particularidade da linguagem que o aproxima de elaborações características do último ensino de Lacan, época em que o pensamento lacaniano se encontrava mais claramente disjunto da Lingüística Estrutural. A respeito dos pronomes, Benveniste constata que a definição comum dos pronomes pessoais, como contendo os termos *eu*, *tu* e *ele*, abole justamente a noção de “pessoa”. A “pessoa” está presente em *eu* e *tu* e ausente em *ele*. Em outros termos, o *eu* só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente aí: ele é o indivíduo particular que enuncia a presente instância de

discurso que contém a forma lingüística *eu*. A referência constante e necessária à instância do discurso constitui o traço que une o *eu* ao *tu*. O *tu* é a própria definição simétrica para o *eu* presentificado na instância de discurso, ao se introduzir a situação de alocação própria da comunicação. Os pronomes, dessa forma, não podem comportar uma forma virtual e objetiva. Discorrendo melhor a respeito, as formas pronominais não remetem à realidade nem a posições objetivas no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém e refletem assim o seu próprio emprego. As formas pronominais, logo, servem para responder um problema intrínseco da comunicação intersubjetiva que é a própria impossibilidade estrutural da linguagem em fornecer meios para uma comunicação plena. Para Benveniste (1976, p. 280):

A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos “vazios”, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim como um locutor que os assume em cada instância de seu discurso.

Esses denominados signos vazios, por sua vez, não afirmam nada por si, não são submetidos à condição de verdade e escapam a toda negação. Eles operam essencialmente ao fornecer um instrumento de uma conversão da linguagem em discurso e, ao identificar-se como pessoa única pronunciando *eu*, possibilitar que cada locutor se proponha como sujeito de seu discurso.

Ao aprofundarmos os enunciados de Benveniste de forma mais sistemática, podemos capturar em seu texto algo fundamental para um enlaçamento com a concepção mais tardia de linguagem presente na doutrina lacaniana, conforme anteriormente anunciado. O lingüista observa que, se cada locutor para exprimir sua subjetividade irreduzível dispusesse de um conjunto distinto de signos, haveria tantas línguas quanto indivíduos e a comunicação se tornaria estritamente impossível.

Trata-se de uma concepção de fenômeno lingüístico que nos permite uma analogia ao preconizado por Benveniste em seu artigo sobre a natureza dos pronomes, ao dizer que a linguagem previne um certo “perigo” de uma particularização estritamente individual do uso da língua, instituindo um signo único, mas móvel, *eu*, que pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele, cada vez, só remeta à instância de seu próprio discurso. A linguagem compartilhada exige, pois, uma socialização e uma universalização de algo particular que é o próprio gozo que cada sujeito extrai de sua relação com a língua, nos termos

de Lacan, ou o próprio uso para exprimir sua subjetividade irredutível, nos termos de Benveniste. É o que também evidencia a estrutura do chiste apresentada por Freud (1969), ao colocar em cena o prazer que o mesmo proporciona ao fazer surgir o não-senso da linguagem em um uso que desestabiliza suas regras compartilhadas de comunicação. Ele aponta, pois, no mesmo texto, algo que converge sobre a *lalangue* lacaniana e o particularismo do uso da língua na perspectiva benvenistiana. Freud, em seu lugar de homem eminentemente clínico, traça algumas considerações sobre o comportamento de uma criança no processo de aprendizagem, o que é mais tarde ironizado por Lacan, ao chamar tal processo de “alfabetização”. Seguindo seu raciocínio, o período em que uma criança adquire o vocabulário da língua materna proporciona-lhe um evidente prazer lúdico em experimentar, em “brincar” com esse vocabulário. A criança reúne as palavras sem respeitar a condição de que elas produzam um sentido, a fim de obter um gratificante efeito de ritmo ou rima. Aos poucos, no decorrer do processo educacional, o prazer lúdico com a língua vai se tornando progressivamente proibido à criança, e resta permitido a ela somente as combinações significativas e estruturalmente compartilhadas das palavras. A recuperação desse prazer é observada no desrespeito diante das regras que estruturam a linguagem, conforme constatado por Freud em crianças mais velhas e adolescentes, que freqüentemente criam uma “linguagem secreta” para uso entre os grupos de amigos. Miller (1996, p. 98), ao fazer um percurso sobre o estatuto da linguagem no decorrer do ensino de Lacan, ilustra a incidência de *lalangue* a partir da experiência de uma criança narrada na obra *A Regra do Jogo*, de Leiris:

Brinca com pequenos soldados. Um soldadinho cai. Deveria quebrar-se. Não se quebra. “Tamanho foi meu contentamento”, nos diz. E expressava-o, era um garoto que ainda não lia e não escrevia, dizendo: “...**Filismente!**” Corrigem-no: “É **felizmente** que se diz”. O pequeno Michel pensava que era assim que se dizia quando algo dava certo...”**Filismente!**” (Grifo meu)

O *Filismente*, como coloca Miller, é puro júbilo. O júbilo é de fato um gozo que encontra um significante adequado. Para o pequeno Michel *filismente* é bem mais expressivo que *felizmente*. Era uma palavra que, para ele, expressava toda a alegria e júbilo em função do soldadinho que caiu e não se quebrou. *A Regra do Jogo*, como atesta o título da obra de Leiris e as elaborações de Freud, Lacan e Benveniste, é a própria necessidade de se falar igual a todos. Nesse sentido, a própria comunicação possui uma estrutura de semblante, ao se conceber a função primordial do significante como aquilo que se presta ao gozo e não à

comunicação. A função da linguagem por si só ultrapassa a capacidade de engendrar significação.

4. LALANGUE: uma linguagem não compartilhada

Essa bipartição entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida como exercício pelo indivíduo é um fato para o qual, como observa Benveniste, o hábito nos tornou facilmente insensíveis. É o que atesta o ensino de Lacan a partir de seu Seminário 20 *Mais, ainda*, ao forjar o conceito de *lalangue*, conceito anteriormente citado, como um núcleo central e traumático da relação do ser falante com a linguagem. Se o primeiro ensino de Lacan deu ênfase ao inconsciente estruturado como uma linguagem e o estatuto simbólico de suas formações; a partir de seu segundo ensino assiste-se a um deslocamento da primazia do simbólico, evidenciando assim o real do gozo que não está imerso no campo do sentido. A linguagem passa a ser concebida como uma elocubração de saber sobre o que ele denominou de *lalangue*, sendo esse um significante puro, que não se encadeia e não produz sentido. Isso coloca um novo debate com os estudos da linguagem, algo que Benveniste já preconizava. A esse respeito, diz Miller (2005, p. 15):

Uma vez que por trás da linguagem se faz surgir a *lalangue*, a linguagem decai ao status de uma elocubração de saber sobre *lalangue*, a linguagem é remetida ao status de elocubrat. A linguagem é o sistema lingüístico que se inventa a partir de *lalangue*. Nisso se baseia o debate entre os lingüistas e os filósofos: como se deve estruturar a língua?

A captura do corpo do falante pela linguagem, ou em outros termos, por esse significante primordial que é *lalangue* perturba, produz um enigma, uma afetação de gozo que permanece como um núcleo traumático fora de sentido. Dizer que a linguagem é uma elocubração de saber sobre *lalangue* corresponde a dizer que o recurso ao simbólico é uma ficção para se explicar e se dar conta do encontro traumático com o real, um modo de romancear e dar sentido à *falta-a-ser* a qual o ser falante se constitui por ser marcado pelo significante. A linguagem é, no último ensino de Lacan, uma construção de sentido sobre o encontro com o real da língua, encontro esse para o qual não há solução significante plena.

Ainda sobre a função da linguagem, Lacan enunciou (1992), em uma ironia, que o homem, desde que é falante, está fadado ao fracasso. A imersão na linguagem é traumática por portar em seu centro uma não-relação fundamental, sendo essa própria imersão a origem

do desamparo primordial do falante. Há uma não-relação fundamental no campo da linguagem, um hiato entre falar e querer dizer que põe a descoberto o sem-sentido e vacila as significações mais estáveis da ordem lingüística: não é difícil de se constatar que há sempre palavras demais na língua e elas nunca são suficientes para se dizer o que se deseja. É esse o fato verificado por Freud na associação livre: ao por o sujeito para falar, constata-se que ele fala e é falado pela língua, verbalizando sempre mais do que quer e sempre outra coisa. O sentido em si é inapreensível, ele está sempre mais além. O inconsciente freudiano é essa estrutura de linguagem, esse entremeado de mal-entendidos que se depositaram e se inscrevem no falante, marcando-o de maneira singular. É algo que Benveniste, à sua maneira, igualmente atesta ao afirmar radicalmente que não é passível de se falar de linguagem sem trazer a marca da subjetividade e do particular de cada falante.

Para finalizar a escritura do presente artigo, cabe assinalar que uma pesquisa interdisciplinar envolvendo a psicanálise de orientação lacaniana e a Lingüística é algo que, conforme demonstrado, foi buscado pelo próprio Benveniste no decorrer de sua obra. Isso é o que Barthes (1988, p. 182) nos legitima, ao dizer:

Compreende-se também porque, bem cedo, Benveniste soube estabelecer uma ponte entre a lingüística e a psicanálise; porque ainda esse especialista do persa antigo pôde, sem violentar, compreender – ou pelo menos proibir-se expressamente de censurar – as novas pesquisas da semiologia (Metz, Schefer) e o trabalho da vanguarda sobre a língua.

BENVENISTE AND LACAN: ON THE SUBJECT AND DISCOURSE

ABSTRACT

This paper means to articulate Emile Benveniste's linguistic doctrine with Lacanian Psychoanalytical assumptions, so as to mark the limits of both their approximations and divergences. The theme here is the concept of subject, enunciation and meaning for both thinkers. The hallmark in each doctrine is the centrality taken by Benveniste's enunciation subject and the subject's structural decentrality within Lacan's elaboration which considers crucial the unconscious in Freud's conception. It also attempts to demonstrate language and word as a basis of work that the unconscious encloses and its necessary articulation with a discourse.

KEYWORDS: Subject; enunciation; sense; unconscious; language; discourse.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: USP, 1976.

FREUD, S; O interesse científico da psicanálise. In: *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. *Seminário 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MILLER, J.A. O escrito na palavra. In: *Orientação Lacaniana*, 1996.